

## A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA\*

*Ângela Cogo Fronckowiak\*\**

*Lisnéia Beatris Schrammel\*\*\**

---

**Resumo:** À escola foi legada a tarefa de ensinar o indivíduo a ler. Porém, esta parceria não tem tido motivos para muita comemoração. No que se refere à prática da leitura literária, a escola não consegue tornar efetivo o seu papel de mediadora, visto o distanciamento evidente entre alunos e livros. Paradoxalmente, as crianças, ao ingressarem na Educação Infantil, apresentam um maravilhado desejo de ler. O que acontece com esse desejo ao longo do processo escolar? Neste artigo, através de estudo de caso, analisamos a leitura literária na escola, abordando sua prática na Educação Infantil e nas séries finais do Ensino Fundamental.

**Palavras-chave:** leitura, literatura, escola.

**Abstract:** The task of teaching the individual to read was delegated to the school. However, this partnership has not been having reasons for a lot of commemoration. In what concerns to the practice of the literary reading, the school does not get to turn effective its role as a mediator, once the evident estrangement between students and

---

\* Este trabalho marca o início de uma trajetória de estudo das autoras. A princípio, Ângela orientou Lisnéia na realização do seu trabalho monográfico que se referia estritamente à leitura da prosa na escola, tema abordado neste artigo. Atualmente, desenvolvem projeto de pesquisa, financiado pelo edital FAP/UNISC, denominado “Poesia e infância” que busca analisar, a partir da obra de Georges Jean, a interação da poesia com a infância no contexto da Educação Infantil.

\*\* Professora do Departamento de Letras da UNISC e membro do Grupo interdepartamental Estudos Poéticos, coordenado pelo professor Norberto Perkosky (Letras/UNISC) e integrado também pela professora Sandra Regina Simonis Richter (Educação/UNISC).

\*\*\* Professora da Educação Básica, graduada em Letras Espanhol, aluna do Curso de Letras Português e bolsista PIBIC/UNISC do projeto Poesia e infância.

books. Paradoxically, the children, when they enter in the Infantile Education, they present an amazed desire to read. What happens with that desire along the school process? In this article, through case study, we analyzed the literary reading in the school, approaching its practice in the Infantil Education and in the final series of the Elementary School.

**Key-words:** reading, literature, school.

## INTRODUÇÃO

Os alunos perdem o interesse pela leitura literária à medida que avançam nos anos de escolarização. Nossa experiência docente e de pesquisa tem comprovado que vários aspectos educacionais devem ser revistos em relação à leitura, se pretendemos minimizar o quadro de desqualificação das práticas leitoras nas escolas desde a Educação Infantil.

Não é possível que continuemos a conviver com os alunos como se esse problema não existisse, ou que acreditemos que o distanciamento que se percebe entre os jovens e a leitura literária nas séries finais da Educação Básica não seja uma questão cuja responsabilidade recaia inclusive sobre a universidade, a escola e, por conseguinte, sobre o professor. Se é verdade que essa realidade só mudará quando houver políticas para qualificar o ensino, também é que alguns professores fazem grande diferença nas experiências particulares de seus alunos quando conscientemente trabalham em prol da leitura literária no ambiente escolar.

É preciso espaço verdadeiro na sala de aula para o desejo da leitura, e a maioria dos alunos neste momento carece da companhia do professor, ou seja, ele tem de se fazer presente, estar junto com o aluno, se pretende contribuir para a formação de pessoas sensíveis e capazes de ler o que acontece em seu mundo.

## NA ESCOLA: LER OU DECIFRAR O CÓDIGO ESCRITO?

Pouco se tem valorizado a autonomia e a inventividade de crianças e adolescentes em seus contatos com textos nas escolas. Esses são os aspectos que nos interessam, pois buscamos o leitor que, à medida que formula suas hipóteses sobre a leitura, se apodera não só do conhecimento das palavras, mas também do conhecimento dos seus significados, extraindo sentidos para sua própria vida a partir do texto.

Todo estudante é sujeito leitor na proporção em que traz para a leitura seu conhecimento de mundo. Nessa percepção, a leitura se distancia de um ato mecânico. Ao lermos, transferimos para o texto as nossas experiências que se tornam ainda mais intensas quando reanimadas na leitura de um texto literário. Procuramos viver com os personagens,

encontrar semelhanças entre nossa vida e a história que lemos, nos sensibilizamos com as imagens e sonoridades que os textos poéticos instauram.

A idéia de que a leitura não pode ser reduzida a simples decifrado rompe com a perspectiva generalizada pelos leigos de que seja simplesmente a compreensão de um código. A leitura é uma atividade complexa que envolve um conhecimento muito além do alfabeto e das sílabas. Essa concepção é defendida por Paulo Freire, ao afirmar que o ato de ler "não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo" (Freire, 1999, p. 11). Assim o educador chama à cena o sujeito leitor, que lê e traz para a leitura o seu mundo e também leva para esse mundo o texto lido.

Freire ainda nos diz que a "leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele" (Freire, 1999, p. 11). O leitor do texto literário continuará fazendo suas leituras de mundo e estas serão refletidas na leitura da palavra e vice-versa. Por isso, o autor fala em comprometimento:

A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixe da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora (Freire, 1996, p. 27).

Se ler é comprometer-se, como afirma Freire, esse comprometimento depende do desejo individual, particular, solitário do sujeito que, inebriado pelas imagens advindas da leitura, se quer abandonar e se permite viver a especificidade do livro que é ser, "ao mesmo tempo, uma realidade do virtual e uma virtualidade do real" (Bachelard, 1988, p. 25). Bachelard nos coloca, em seu livro "A poética do devaneio", diante do princípio inerente à leitura: é necessário desejá-la. "É preciso desejar ler muito, ler mais, ler sempre" (1988, p. 26). Para ele, o campo de abertura que as experiências da leitura literária disponibilizam só acontecem no íntimo do leitor sob o domínio consciente de sua liberdade. Por isso Bachelard fala em desejo e não em prazer. Se a leitura da literatura nos concede um benefício, por mais que os temas abordados enfoquem os dramas e as vicissitudes humanas, é porque ela pode ser traduzida em alegria estética, pois "somos feitos para respirar livremente" (1988, p. 25), exercitando nossas duas grandes funções psíquicas: a imaginação e a vontade.

Essas posições apresentam a leitura como um processo amplo. Muito além de ser um ato mecânico que requer apenas habilidades auditivas e visuais, a leitura envolve o ser humano em todas as suas dimensões, perpassando sua inteligência, seus conhecimentos, suas emoções, seus desejos, suas crenças, sua imaginação e sua criatividade. Vista por este ângulo, a leitura é um processo que tem início muito antes da idade escolar. O sujeito leitor, através da leitura do mundo, desperta o desejo de ler a linguagem escrita e desse querer ler surgem inúmeras hipóteses para interpretar o código da linguagem escrita.

É fácil reconhecer nas crianças o desejo de aprender a ler. Na cultura em que vivemos, em que tudo é representado pela escrita, as crianças percebem que quem não domina a leitura está impossibilitado de acessar satisfatoriamente o mundo de gente grande. Mas, e além da

alfabetização, que outros desafios à vontade e à imaginação a escola nos propõe? De que forma a escola potencializa nas crianças recursos para que a imaginação criadora se expanda? Será que o desejo de ler não sucumbe frente ao formalismo de um aprendizado mecânico de signos e normas?

Rubem Alves acredita que a leitura afetuosa dos pais é o ingrediente essencial para forjar um leitor, pois, na ausência deles,

a criança olhará para o livro com desejo e inveja. Desejo, porque ela quer experimentar as delícias que estão contidas nas palavras. E inveja, porque ela gostaria de ter o saber do pai e da mãe: eles são aqueles que têm a chave que abre as portas daquele mundo maravilhoso! Roland Barthes faz uso de uma linda metáfora poética para descrever o que ele desejava fazer, como professor: maternagem: continuar a fazer aquilo que a mãe faz. É isso mesmo: na escola, o professor deverá continuar o processo de leitura afetuosa. Ele lê: a criança ouve, extasiada! Seduzida, ela pedirá: "Por favor, me ensine! Eu quero poder entrar no livro por conta própria" (Alves, 2002).

As crianças vão para a escola querendo aprender a ler as histórias que lhes eram lidas. Através da leitura de mundo e da escutação de histórias e poemas, elas percebem que entender o que dizem as letras é encontrar um espaço cheio de imaginação e fantasia: o mundo da leitura, no qual a leitura literária é um dos mais instigantes desafios. Então, a escola cumpre papel fundamental quando se ocupa da alfabetização e da formação de leitores. Afinal, bem ou mal, há décadas ela vem ensinando indivíduos a ler, a escrever e acabou se convertendo em intermediária entre a criança e a cultura, usando como ponto de mediação a leitura.

A partir desse contexto, podemos perceber a importância da leitura para e na escola, que busca meios de esquematizar sua aprendizagem, tornando-a acessível para quase todas as pessoas. O termo "quase" nos remete aos inúmeros casos em que o desejo de aprender a ler sucumbiu ao fracasso dos alfabetizadores e também ao número, ainda considerável, de crianças que não freqüentam ou que abandonam a escola antes de dominarem a leitura. Isto sem falar nos chamados "analfabetos funcionais: pessoas que em decorrência do tipo de ensino que tiveram, não se tornaram capazes de compreender o que lêem e de se comunicar por meio da escrita" (Prado, 1999, p. 81), o que faz com que não possamos considerar todo alfabetizado um leitor.

Saber ler não é o suficiente para atribuir à leitura um valor significativo. Não é apenas ensinando a ler que a escola vê cumprida a sua missão, é também seu papel contribuir para que o aluno compreenda o que lê. Entender o que lemos é fundamental para nos aproximarmos cada vez mais da literatura. A falta de compreensão do texto lido tem sido considerada um ponto relevante na desmotivação para a leitura. Poderíamos pensar que a falta de entendimento da leitura se restringe às séries finais do Ensino Fundamental, justamente porque nessa etapa do processo escolar os professores trabalham com textos mais densos. Engana-se quem pensa assim. A falta de compreensão do texto lido muitas vezes já ocorre no início do processo de alfabetização.

A leitura de histórias pelo professor, na Educação Infantil, seguida de atividades que não permitem perceber se a criança verdadeiramente compreendeu o que ouviu é, segundo Raquel Villardi (1997), o início de um processo em que a criança se habitua e se acomoda diante do não entendimento. Por isso devemos valorizar a repetição, que faz parte dos procedimentos de amadurecimento lingüístico da criança. O desejo de uma nova leitura pode ocorrer pela necessidade de assimilar o que a criança já apreendeu e de preencher as lacunas que ficaram de leituras anteriores.

A escola disponibiliza pouco tempo para essas repetições, assim como vincula a prática da leitura, no Ensino Fundamental, aos planos de trabalho sugeridos pelos livros didáticos. Esse esquema torna superficiais as experiências dos alunos com os textos literários.

Magda Soares analisa a inserção da literatura na escola sob dois ângulos. No primeiro interpreta as relações entre literatura e escola como se a escola se apropriasse da leitura, didatizando a literatura, tornando-a escolarizada. Numa outra perspectiva, aborda a literatura como uma produção para a escola, criada com o intuito de atender suas necessidades. Para a autora,

não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar "saber escolar", se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola (Soares, 1999, p. 22).

De fato, a escolarização da literatura não é negativa, mas sim o modo como se realiza, principalmente pelo fato de os livros didáticos contornarem a entrega e concentração que o texto literário exige, esteriotipando-o em atividades que o desvirtuam e falseiam.

Soares analisou a literatura nos livros didáticos das séries iniciais do Ensino Fundamental, e seu estudo é repleto de exemplos do mau uso da literatura na escola. Da mesma forma, Marisa Lajolo (Lajolo, 1994) define a relação entre o livro didático de Língua Portuguesa e a escola como uma "parceria antiga e mal resolvida", em que o texto literário é negligenciado.

O livro didático, com raríssimas exceções, costuma seguir um roteiro bem específico: apresenta-se o texto, seguido de um estudo de vocabulário, depois a interpretação do texto, algumas páginas de gramática e a proposta de redação para o aluno. Além disso, privilegia textos breves, o que resulta na dificuldade de encontrarmos textos integrais nessas publicações:

Via de regra, o livro de Língua Portuguesa divide-se em unidades com a seguinte subdivisão: leitura, gramática e redação. Internamente, a unidade se organiza de tal modo que o texto inicial é escolhido em função do "ponto de gramática" ou da "técnica de redação" a serem estudados, usando o texto como pretexto (Magnani, 1989).

A leitura na escola ganhou uma rotina: abrir o livro na página tal, ler o texto, responder às perguntas e realizar uma produção escrita. À escola não interessa a ambigüidade e a conotação dos textos. É arriscado demais para o professor lançar-se com seus alunos nesse mar

desconhecido, onde não há verdades absolutas. Embrenhar-se na sutileza do texto literário é, de fato, sentir o texto, um terreno perigoso e considerado inútil pela escola conteudista. E, além do mais, como questionar os sentimentos que um texto suscita na hora da prova?

O professor passou de mediador do processo de ensino-aprendizagem para um mero aplicador daquilo que consta no manual. Então, a leitura na escola está condicionada à qualidade do uso do livro didático e a outro ponto ainda mais lamentável, o problema que os professores têm com a leitura. O "desencontro literatura/jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós – professores – também vivemos" (Lajolo, 1994, p. 22).

Procurando diminuir a distância entre criança/jovem e livro, temos visto campanhas de incentivo à leitura e distribuição gratuita de livros para alunos das escolas públicas. Se elas contribuem para o acesso ao livro, não podemos ser inocentes ao ponto de acreditar que o aluno, recebendo uma sacola de livros, se converta em um leitor. O acesso ao livro é um primeiro passo, mas não é por si só suficiente para formar leitores.

A distribuição de livros por parte do governo parece diminuir a dívida da escola para com a leitura, porém seus reais resultados são questionáveis quando nos deparamos com escolas sem infra-estrutura, professores mal remunerados, que não percebem as potencialidades do texto literário e as dificuldades econômicas que inviabilizam manter o acervo das bibliotecas atualizados.

Além da falta de compreensão do que é lido e da estereotipagem do texto literário no livro didático, a leitura na escola ainda apresenta um outro desconforto: ela muitas vezes não respeita a opinião do aluno. A escola acaba geralmente unilateralizando os gostos literários:

O aluno tem, tanto quanto o professor, o direito de não gostar de um texto e, conseqüentemente, de se recusar a trabalhar com ele. Esse mínimo de liberdade, garantido em situações comuns de leitura, a qualquer leitor (que começa a ler um livro e pára, porque percebeu que não faz seu gênero) parece às vezes exilado do dia-a-dia escolar, quando uma concepção do texto que o vê como sacralizado, sobrepõe o argumento do arbítrio ou do gosto autoritário, à sensibilidade que precisa nortear sua adoção (Lajolo, 1994, p. 54).

Esse embate acaba por privar os alunos da liberdade estética que a literatura possibilita, negando a eles o direito à descoberta de textos cada vez mais densos e elaborados. Não podemos estranhar que terminem por desqualificar a leitura, percebendo-a como uma "atividade" institucional sem nexos muito distante do horizonte de desejo que a liberdade estética, reivindicada por Bachelard, deveria garantir.

## A LEITURA NA PRÁTICA

Quando iniciamos a pesquisa<sup>1</sup>, já imaginávamos que depois de responder às questões de gramática e escrever uma redação, sobrava pouco "tempo" para a leitura na sala de aula. Os professores afirmam que desejam muito que os alunos leiam, mas parecem querer que isto aconteça por um passe de mágica, pois não criam situações de leitura efetiva em sua aula.

Essa não é uma tarefa fácil, pois, por um lado, no Ensino Fundamental, onde não há aulas de Literatura, é sobretudo a aula de Português a encarregada de ensinar a ler e escrever. Em quatro ou cinco aulas semanais, o professor desta disciplina, tão interdisciplinar, terá de fazer com que seus alunos dominem a língua portuguesa. Por outro, na Educação Infantil, a alfabetização assume foros pedagógicos, que desfiguram o literário.

Neste quadro, a biblioteca da escola, quando existe, é trocada por retalhos de textos xerocados, para consumo descartável. O professor acaba por esquecer que o espaço destinado aos livros poderá ampliar o repertório de experiências sensíveis do aluno:

A biblioteca escolar é um espaço democrático, conquistado e construído através do "fazer" coletivo (alunos, professores e demais grupos sociais) – sua função básica é a transmissão da herança cultural às novas gerações de modo que elas tenham condições de reapropriar-se do passado, enfrentar os desafios do presente e projetar-se no futuro (Silva, 1993, p. 141).

A biblioteca não pode ser um local submisso e sem valor no contexto escolar. É justamente ela o ambiente mais rico da escola. Ela deve representar um espaço repleto de significado tanto para professores como para alunos.

Na tentativa de elucidar a relação da escola com a leitura literária, elaboramos, no início da pesquisa, um questionário em que perguntávamos aos alunos da Educação Infantil e da 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental o que era biblioteca, livro e leitor. O objetivo era saber como os alunos percebiam estes aspectos na escola.

Primeiramente os alunos foram questionados sobre a biblioteca, ao que responderam que era um lugar com muitos livros, agradável, aconchegante, silencioso e que empresta livros (ANEXO A).

Considerá-la como o lugar que guarda e empresta livros é valorizar apenas características que não contemplam a diversidade desse espaço. Entre os quarenta alunos de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental consultados, apenas uma das respostas dá vazão à fantasia e magia que se encontram nas histórias que estão na biblioteca. A fala de uma das

---

<sup>1</sup> Pesquisa monográfica realizada por Lisnéia e orientada por Ângela que priorizou a recepção da prosa na escola. O estudo foi feito em uma escola da rede particular de ensino, localizada no centro da cidade de Venâncio Aires, no ano de 2002, em que Lisnéia trabalha. A turma da Educação Infantil possuía 25 crianças, com idades entre 5 e 6 anos, das quais 14 eram meninos e 11 meninas. A 7ª Série do Ensino Fundamental era formada por 16 alunos, 9 do sexo masculino e 7 do feminino, com idade aproximada de 13 anos. A turma da 8ª série, composta por 24 alunos, tinha 14 do sexo masculino e 10 do feminino, na faixa etária de 14 anos.

alunas da 8ª série definiu: "É um lugar em que se encontra muita magia, fantasia, um lugar onde se encontram muitas histórias."

Já os alunos da Educação Infantil que responderam à pergunta, além de falarem dos livros que ela guarda, também lembraram que é um lugar silencioso, onde "tem que ficar quieto". A idéia praticamente unânime de que a biblioteca é para guardar e silenciar nos lembra mais um museu, um lugar frio e sem vida.

Os mesmos alunos também foram questionados sobre o que é um livro. Após alguns comentários que procuravam diminuir a tensão criada por esta temível pergunta, eles se puseram a decifrá-lo (ANEXO B). Escreveram que livro é um objeto com folhas para ler, fonte inesgotável de conhecimento, objeto onde se encontram pensamentos e contos e, ainda, um conjunto de páginas que formam uma história para leitura ou para pesquisa. Enfim, como diz Pennac (1995), parecia que os alunos estavam descrevendo um objeto inatingível, sagrado. E enorme também, pois um dos alunos da 8ª série definiu o livro como "milhares de páginas com histórias e informações".

O desespero com as respostas só não foi geral porque em meio às já citadas encontramos uma que revertia o quadro de horror que os alunos haviam traçado para o livro. Uma das alunas da 7ª série escreveu: "Livro é mais que um objeto, é um mundo em que estamos entrando quando estamos lendo, além de ser uma fonte de aprendizagem". Todas as demais respostas não faziam nenhuma referência às possibilidades de imaginação em relação ao que está escrito no livro.

Temos, então, na visão da maioria dos alunos, tanto da Educação Infantil quanto das séries finais do Ensino Fundamental, a biblioteca como um museu, porque guarda livros, que são "conjuntos de papéis que carregam letras organizadas que formam uma história ou informam alguma coisa."

Foi pedido aos alunos que respondessem a mais uma pergunta, esta última sobre o que é um leitor (ANEXO C). Alguns alunos da Educação Infantil que ficaram em dúvida sobre as respostas anteriores responderam sem hesitar: "Ah, esta eu sei! É quem tira leite da vaca." Outros, não tão sabedores das questões rurais, responderam que era um adulto, e alguns disseram que era quem escreve livros. Entre os alunos das séries finais do Ensino Fundamental, a resposta que mais apareceu foi "leitor é a pessoa que lê livros".

Novamente, apenas uma das respostas, escrita por uma menina da 8ª série, apresentou uma relação com o universo imaginário possível de ser criado por aqueles que lêem e nesta mesma resposta também transpareceu a idéia de que leitor é uma pessoa muito culta: "São pessoas que viajam pelo mundo da fantasia que existe em cada livro. Mas é também uma pessoa culta, pois cada livro bem lido e interpretado é uma aprendizagem a mais". É importante ressaltar que as três respostas transcritas não são do mesmo aluno. O aluno que ora respondeu que a biblioteca é um lugar de magia e fantasia não estendeu esta significação para o livro. Da mesma forma, o aluno que percebeu o livro como um mundo em que estamos entrando não levou para o conceito de leitor essa amplitude.

As respostas apresentadas nos parágrafos anteriores dão conta da enorme lacuna que existe entre a leitura, questões ligadas a ela, como biblioteca, livro e leitor, e os alunos.



Tamanha distância pode levar o leitor a pensar que estamos nos referindo a alunos que não têm acesso à leitura. Mas a situação não é essa. Os alunos aos quais este artigo faz referência têm condições de comprar livros e freqüentam as bibliotecas escolar e municipal.

Mas o que esses alunos vinham fazendo em termos de leitura? O fato de Lisnéia ser a professora da turma de Educação Infantil e titular da disciplina de Língua Portuguesa nas 7a. e 8a. séries do Ensino Fundamental a faz estabelecer algumas considerações.

A leitura na Educação Infantil era realizada por ela, visto que as crianças ainda não compreendiam o código escrito. A leitura de histórias acontecia em média três vezes por semana. Algumas vezes as crianças traziam as histórias de casa ou elas eram escolhidas entre os livros que estavam na sala de aula. Em muitos momentos, as histórias foram usadas como pretexto para complementar conteúdos já trabalhados na turma. Porém, à medida que eram realizadas as leituras para a pesquisa, essa prática pedagógica foi sendo alterada gradativamente, pois a aluna/professora foi deixando de se preocupar com "este texto é bom para [...]."

Para ouvir as histórias, as crianças costumavam sentar em círculo, em cadeiras ou almofadas. Algumas vezes, essa organização era alterada e as crianças sentavam-se de forma e também em lugares diferentes. Lisnéia lia a história e mostrava as ilustrações do livro. Nessas ilustrações, os alunos geralmente procuravam os personagens e as ações de que mais gostavam. Muitas vezes perguntavam "Onde está tal personagem?". As crianças relacionavam os fatos ocorridos na história com as suas vivências, fazendo comentários como: "Eu já vi isso", "Isso já me aconteceu", "Eu conheço alguém que sabe fazer isso".

Apesar de as histórias contadas geralmente tratarem de temas trabalhados em aula, dificilmente eram propostos trabalhos gráficos específicos sobre a história ouvida, como desenhar a parte de que mais gostou, o personagem que gostaria de ser, ou criar um outro final. Intervenções na história, como criar um outro final, identificar a parte de que mais gostou, reconhecer os personagens e lembrar a seqüência das ações, eram na maioria das vezes realizadas oralmente, pois na fala do aluno era possível perceber melhor a sua compreensão da história. Contudo, em vários momentos as próprias crianças demonstravam desejo de desenhar algo sobre a história ouvida. E ao mesmo tempo em que a desenhavam a comentavam. Esses comentários realizados no grupo também contribuíam para interpretar a história. O fato de as crianças responderem positivamente a essas atividades foi determinante para que não fossem mais realizadas pensando no que pedir depois para mantê-los ocupados.

A aposta na literatura se tornou mais segura com a realização da monografia, nos fez mais convictas de que o texto literário não deve estar na escola para ocupar o aluno. Esta certeza levou Lisnéia a rever sua prática pedagógica no sentido de dar à leitura o espaço e a importância que ela merece ter. Assim, em relação aos alunos corpus desta pesquisa, a leitura e as atividades em torno dela passaram a priorizar a fruição do texto, e não sua utilidade conteudista. A partir dessa perspectiva, as crianças passaram a realizar brincadeiras em que representavam o que aconteceu na história, cada uma escolhendo o personagem que queria interpretar e depois experimentando representar outro personagem, trocando de papel. Dessa forma, cada um dos alunos poderia vivenciar as diferentes situações dos personagens. Além de colaborar para a compreensão da história, essa prática também foi importante para o

processo de alfabetização. Quando a criança percebe que ela pode interpretar mais de um personagem na história, também está construindo a idéia de que uma mesma letra pode estar em muitas palavras.

Atualmente, as crianças vão semanalmente à biblioteca para escolher um livro e levá-lo para casa. Mesmo que essa prática já ocorresse há mais tempo, agora tornou-se mais livre e menos preocupada com o silêncio. A escola procura orientar os pais para que valorizem o momento da leitura da história para seus filhos. Com isso, os casos em que a criança levava por várias semanas o mesmo livro, porque na sua casa ninguém lhe contava a história, não são mais relatados por elas. Agora o desejo de levar o mesmo livro surge da vontade de ficar mais tempo com a história de que tanto gostou.

Na biblioteca, os alunos gostam de tirar vários livros das estantes e levá-los para as poltronas, para daí olharem e escolherem a história que querem levar para suas casas. Frequentemente pedem que a "profe" leia os livros que escolheram. Como a "profe" é só uma e as escolhas e sugestões de leitura são várias, a bibliotecária e, eventualmente, outros alunos que estão realizando pesquisas na biblioteca ajudam a ler as histórias. Cada aluno da Educação Infantil pode levar um livro por semana para sua casa, e só poderá retirar um novo livro no momento em que entregar aquele retirado anteriormente.

Nas séries finais do Ensino Fundamental, ir à biblioteca foi uma sistemática retomada, pois já havia o hábito na escola de considerar a leitura como responsabilidade e encargo do próprio aluno. Por acreditar que a leitura poderia apresentar efeitos muito mais significativos, se melhor incentivada, Lisnéia passou a levar os alunos da 7ª e 8ª séries à biblioteca, seguindo um esquema quase idêntico ao realizado na Educação Infantil. Dessa maneira, os alunos seriam não só incentivados à leitura extraclasse, mas também a realizariam dentro da sala de aula (ou na biblioteca). Ou seja, a leitura estava novamente começando a ser feita em aula, e não apenas cobrada.

A aula prazerosa, planejada, muitas vezes esbarrou nas atitudes de alunos que não valorizavam a leitura. Realizar leituras sem usar o texto lido como pretexto para outro exercício parecia despertar em alguns a idéia de que não havia nada para fazer. A escola acaba sofrendo do mal que ela própria criou: é preciso manter o aluno muito ocupado com atividades que possam ser objetivamente avaliadas. Para isso, quanto ao texto literário, criou-se a fórmula leitura e interpretação. A resistência a perspectivas diferentes é comum. O aluno, sempre acostumado, ou melhor, já viciado ao texto como pretexto, vê-se perdido quando lhe pedem que escolha um texto e que realize a leitura pelo, não simples, mas grande prazer de ler.

Esses alunos não mais habituados a irem para a biblioteca apresentaram, no início, problemas com disciplina. Era curioso perceber, entretanto, que muitos deles procuravam a seção de livros infantis e gostavam de deitar no tapete das crianças para lerem as histórias. Alguns preferiam ler jornais e revistas e tinham muita resistência em levar livros para casa e também em lê-los na biblioteca. Avaliamos que a opção por leituras em revistas e jornais se dava pelo fato de serem apenas informativos e não exigirem a entrega que o texto literário pede. O fato de gostarem de deitar no tapete para ler livros de literatura infantil pode estar vinculado a uma lacuna com a leitura já na infância. Por isso, precisam ler agora o que não

liam quando pequenos. Então, consideramos uma vitória que o adolescente dirija-se à seção infantil da biblioteca, escolha uma pilha de livros repletos de ilustrações, deite-se no tapete e se entregue à leitura.

A questão cultural que liga escola e leitura, já discutida anteriormente, incutiu nos alunos o pensamento de que a leitura é uma atividade "escolar". Nesta perspectiva, para que o aluno leia é preciso que o professor crie uma tarefa também "escolar". O aluno lerá aquilo que foi proposto pela professora. Criou-se até uma crença de que professora boa é aquela que manda os alunos lerem livros bem grossos. Ora, diante desta situação, é hilário falarmos em desejo e prazer do texto.

Leitura como fruição não pode ser vista como tarefa escolar. A motivação para a leitura significativa pede outras alternativas, dentre as quais não há espaço para a obrigação de ler. A leitura literária precisa do desejo do leitor. O desejo de aceitar o fato de que a linguagem literária congrega a realidade e o imaginário.

A leitura apenas como tarefa escolar, além de diminuir as possibilidades de fruição do texto, também traz um outro problema. "Para muitas crianças, a leitura está intimamente ligada às atividades da escola, depois de sair dela elas não lêem mais" (Bamberger, 1986. p. 20).

Para que o aluno não abandone a leitura é fundamental que ele encontre sentido no que lê. A significação do texto literário está relacionada às emoções que o texto suscita. Ainda temos um longo caminho a percorrer, mas esta tomada de consciência acerca dos problemas que a leitura enfrenta na escola oportunizou a realização de ações que objetivam diminuir a distância entre jovens e leitura literária na escola foco da pesquisa. Além de palestras e conversas com os alunos sobre o significado da leitura, há reuniões com os professores de Língua Portuguesa para discussões sobre o tema. Desses encontros nasceu o Projeto Literário Sem Fronteiras, que se estende dos alunos da 5ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, através do qual os alunos contribuem para a compra de livros, que ficarão à disposição na biblioteca e no final do ano serão sorteados entre eles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um processo que compreende ações mentais complexas. Já lemos antes da leitura da palavra e, quando lemos, interferimos no texto, ressignificando-o a partir de nossas próprias vivências. Nessa perspectiva já estamos aptos à leitura muito antes de sermos inseridos no cotidiano escolar.

Entretanto, é especificamente na escola que a leitura é mais explorada, visto que é a instituição escolar quem cumpre o importante papel social de ensinar a ler e, muitas vezes, realiza essa tarefa mesmo em condições divergentes. Mas a escola explora a leitura também no sentido de que se aproveita e abusa dela, principalmente em se tratando da leitura literária. O texto na escola poucas vezes é usado para ser lido, ele serve para ser "trabalhado". Exemplo

disso são os livros didáticos, em que o texto é pretexto para exercícios de gramática e propostas de redação.

Essa prática tem distanciado o leitor da leitura literária e cria uma antipatia entre ambos, a ponto de o aluno ver a biblioteca apenas como o lugar que guarda livros, o livro como um monte de folhas escritas e o leitor como quem quer saber um pouco sobre várias coisas. Esses conceitos, obtidos a partir de um questionário feito aos alunos corpus da pesquisa, dão conta da lacuna a que nos referimos. Diante dela, a escola não pode assumir o papel de vítima indefesa. Não há receitas ou fórmulas infalíveis que façam os alunos se transformarem em leitores num passe de mágica.

O que contribui para a formação de leitores é também a paixão e o exemplo de professores que acompanham seus alunos pelos caminhos da imaginação e da inventividade. O interesse pela leitura não pode surgir a partir de experiências nada significativas para os sujeitos, abordagens em que o texto vira pretexto para o aprendizado de normas de conduta, atividades de gramática, ou práticas de redação. Em poucos momentos do cotidiano escolar são consideradas a ambigüidade e a conotação dos diferentes gêneros literários, o que facultaria aos alunos uma ampliação de suas experiências de leitura.

Através dessa pesquisa, concluímos que a leitura no contexto escolar, para além da decifração de um código, é uma prática que demanda tempo e ações, não só de um professor mas de uma equipe de profissionais da educação que valorizem a leitura em todos seus aspectos, principalmente no que se refere à fruição do texto literário. Se desejamos uma leitura significativa e prazerosa na escola, devemos provocar a imaginação dos alunos leitores, instigando-os a construir imagens e conhecimento a partir também das suas experiências de mundo compartilhadas com os textos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br>>. Acesso em: 6 nov. 2002.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se complementam**. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MAGNANI, Maria do Rosário. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação de gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PRADO, J.; CONDINI, P. (Org.). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. BRANDÃO, Maria B.; EVANGELISTA, Aracy A. M.; MACHADO, Maria Z. V. (Org.). **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida toda**. Rio de Janeiro: Qualitimark, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

## ANEXO A - Respostas à pergunta: o que é biblioteca?

Pergunta: o que é biblioteca?

Respostas obtidas dos alunos do Ensino Fundamental

- Lugar onde há livros para leitura e pesquisa.
- Lugar que possui muitos livros.
- É o mundo dos livros.
- É o lugar onde há vários livros, onde as pessoas lêem ou retiram livros.
- Um lugar onde podemos relaxar, ler um livro e pesquisar.
- É um lugar de estudar.
- Tudo o que você precisa saber encontra na biblioteca.
- É um lugar em que se encontra muita magia, fantasia, um lugar onde se encontram muitas histórias.
- É um conjunto de livros num determinado lugar. Onde podemos alugar um livro por um tempo para lermos diversas coisas sem precisar comprar o livro.
- É um lugar com muitos livros que demonstram sentimentos e idéias de autores.
- É um lugar agradável.
- Vem do latim Biblio = livro.
- Um lugar aconchegante onde eu e a maioria gosta de sentar e jogar conversa fora e fazer pesquisa.
- Biblio vem do grego que significa livro, Biblioteca = coleção de livros.
- É um lugar de silêncio.
- É um lugar com muita vida, além de nós darmos um pouco de vida.

Respostas obtidas dos alunos da Educação Infantil, em conversa individual

- Tem um monte de livros e letras.
- Tem um monte de livros, diferentes um do outro.
- Tem livros.
- É de botar livros.
- Lugar de pegar livros.
- É cheio de livros e também um lugar de silêncio.
- Uma sala cheia de livros onde tem que ficar quieto.
- Coisa de livros.

Conclusão da turma da Educação Infantil em conversa coletiva:

- Tem livros com histórias diferentes.

## ANEXO B - Respostas à pergunta: o que é livro?

Pergunta: O que é livro?

Respostas obtidas dos alunos do Ensino Fundamental

- É aonde o autor escreve o que está sentindo.
- É um conjunto de páginas que formam uma história para leitura ou para pesquisa.
- Palavras que explicam uma história.
- Onde se encontra pensamentos e contos.
- Fonte de conhecimento, que traz informações ou histórias e é constituído por páginas e é encadernado.
- É para aprender, saber mais sobre um assunto.
- Faz parte do mundo da biblioteca, forma histórias reais ou fantasias.
- Conjunto de papéis que carregam letras organizadas que formam uma história ou informam alguma coisa.
- É um monte de papel que mostra conhecimento.
- Palavras unidas, às vezes difíceis de entender.
- É para ler, refletir e aprender mais sobre um assunto.
- É onde tem muita cultura armazenada.
- É informação ou cultura que devemos ter, mas eu não gosto.
- É uma coisa cheia de palavras, vírgulas e pontos.
- União de frases.
- É mais que um objeto, é um mundo em que entramos quando estamos lendo, além de ser uma fonte de aprendizagem.
- É o que lemos.
- Uma fonte inesgotável de conhecimento.
- É um meio de sabermos melhor o português.
- É um objeto com folhas para ler.
- São milhares de páginas com histórias e informações.
- Novidades que nos traz ao futuro.
- É o que nos torna mais inteligentes.

Respostas obtidas dos alunos da Educação Infantil em conversa individual:

- Não sei.
- É onde tem desenho e letras para ler e contar histórias.
- Uma história.

- Gravuras e desenhos.
- É uma coisa de se ler.
- Onde tem histórias.

Respostas obtidas dos alunos da Educação Infantil em conversa coletiva:

- São histórias diferentes, tem cores.

"Para que servem as histórias?" "Porque ouvimos histórias?"

- Para dormir, aprender a ler, entrar dentro do livro.



## ANEXO C - Respostas à pergunta: o que é leitor?

Pergunta: o que é leitor?

Respostas obtidas dos alunos do Ensino Fundamental:

- São as pessoas que viajam pelo mundo da fantasia que existe em cada livro. Mas é, também, uma pessoa culta, pois cada livro, bem lido e interpretado, é uma aprendizagem a mais.

- Somos nós, que lemos livros.
- É a pessoa que lê livros.
- É quem lê o livro na biblioteca.
- É uma pessoa que lê os livros e que sabe apreciar a sua leitura.
- É uma pessoa que adora ir na biblioteca e lê muitos livros.
- Pessoa que escreve um livro.
- Pessoa que usa o livro para educação ou passatempo.
- Pessoa que lê histórias.
- É quem quer aprender, imaginar, etc.
- É quem lê e interpreta.
- Às vezes lerdo e às vezes esperto.
- Uma pessoa que gosta de livros.
- É quem quer saber um pouco sobre várias coisas.

Respostas obtidas dos alunos da Educação Infantil em conversa individual:

- Quem tira leite da vaca.
- Gente adulta.
- Não sei.
- Bah!, essa é difícil... Escreve livros.
- Quem faz histórias.
- Uma pessoa.
- Um tio que lê.
- É uma coisa para ler.

